
Uma história infame: Maria Balteira e suas possibilidades na sala de aula¹

An infamous history: Maria Balteira and possibilities in classroom

*Carlos Eduardo Ströher**

*Tatiane Kaspari***

*Cláudia Gisele Masiero****

*Cláudia Santos Duarte*****

Resumo: Este estudo apresenta a personagem medieval Maria Balteira como possibilidade pedagógica, a fim de problematizar a importância de sujeitos considerados anônimos para a contextualização histórico-social, com vistas a incentivar a tomada de consciência do estudante acerca do seu próprio potencial como protagonista histórico. Embora na atual historiografia haja urgência em falar sobre grupos sociais não hegemônicos, no contexto escolar, essa temática ainda não aparece de forma efetiva. Os livros didáticos, por exemplo, normalmente absorvem a produção acadêmica e refletem uma historiografia tradicional, com pouca visibilidade a registros de indivíduos anônimos. O trabalho propõe um roteiro pedagógico

Abstract: This study represents the medieval character Maria Balteira as a pedagogical possibility in order to discuss the significance of subjects considered anonymous in historical and social contextualization, aiming to encourage the student consciousness relating to their own potential as a historical protagonist. Although in current historiography there is an urgency to discuss non hegemonic social groups; in school context this topic does not appear effectively yet. Textbooks, for example, usually absorb the academic research and they reflect about the traditional historiography, with little visibility on anonymous subjects' records. This paper proposes a pedagogical script which gives relevance to Maria Balteira character and

* Professor no curso de História pela Federação de Estudos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale). Licenciado em História pela Feevale. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* carloseduardo@feevale.br

** Doutoranda e Mestre em Processos Manifestações Culturais pela Feevale. Bolsista Prosup/Capes. *E-mail:* tatianekaspari@yahoo.com.br

*** Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista Prosup/Capes. Mestre em Processos Manifestações Culturais pela Feevale. *E-mail:* claudiamasiero@feevale.br

**** Mestre em Processos Manifestações Culturais pela Feevale. *E-mail:* claudiasa@feevale.br

que dá relevância à personagem Maria Balteira e que a contextualiza no cenário cultural da Idade Média, por meio das cantigas medievais que a mencionam. O referencial teórico que sustenta esta abordagem é definido pela intersecção de estudos literários, tomando por base Manuel Lapa (1995), e históricos, focalizando Peter Burke (2010), Ronaldo Vainfas (2002) e Michel Foucault (2003). Esses autores apresentam possibilidades de uma história mais abrangente e, ao mesmo tempo, conferem ênfase à micro-história, lançando luz sobre os chamados “protagonistas anônimos”, cujas histórias “infames” são portadoras de elementos importantes a serem discutidos e refletidos pelos professores e alunos nas aulas de História.

Palavras-chave: Maria Balteira. Protagonistas anônimos. Micro-história. Ensino de História.

contextualizes her in the Middle Ages cultural scenery through medieval lullabies that mention her. The theoretical framework that supports this approach is defined by the intersection between literary studies, based on Manuel Lapa (1995), and historical, focusing on Peter Burke (2010), Ronaldo Vainfas (2002) and Michel Foucault (2003). These authors present possibilities of a broader history and, at the same time, give emphasis to microhistory, throwing light upon the so called “anonymous characters”, whose “infamous” stories are important topics carriers to be discussed and reflected by history teachers and students inside the classroom.

Keywords: Maria Balteira. Anonymous protagonists. Microhistory. History teaching.

Os protagonistas anônimos

Pedro Álvares Cabral, Cristóvão Colombo, Henrique VIII, D. Pedro I, D. Pedro II, Marechal Deodoro da Fonseca, Getúlio Vargas, Adolf Hitler, Benito Mussolini, Franklin Roosevelt, Winston Churchill, Juscelino Kubitschek. Todo aluno, independentemente do seu apreço ou repúdio à disciplina de História, já entrou em contato com algum desses personagens. Todos masculinos, brancos, líderes, reis ou governantes muito poderosos. As personalidades femininas, embora com menos frequência, também aparecem em alguns momentos: Cleópatra, Catarina de Aragão, D. Maria (a “Louca”), Carlota Joaquina, Rainha Vitória, Princesa Isabel, Rainha Elisabeth, Margareth Thatcher. Assim como seus pares masculinos, ocuparam funções de chefia em diferentes espaços e momentos históricos.

A história dos grandes nomes, enfatizada com veemência pelas correntes historiográficas do século XIX, como o historicismo e o

positivismo, embrenhou-se nos currículos escolares e permanece com força até hoje. Fazendo frente a essa tendência, a historiografia do século XX, notadamente a Nova História, lançou diversas críticas e ampliou o escopo, incluiu novos personagens históricos, representantes de classes sociais menos privilegiadas, como negros, indígenas, mulheres e trabalhadores pobres. Contudo, mesmo com esse movimento, tais grupos ainda ocupam um espaço muito restrito nos materiais didáticos e nas aulas de História, motivando e justificando estudos como o proposto neste trabalho.

Peter Burke sinaliza a Nova História como sendo “a história escrita como reação deliberada ao ‘paradigma’ tradicional”. (1992, p. 10, grifo do autor). Segundo ele, o contraste entre a antiga e a Nova história pode ser resumido em seis pontos: o primeiro é que a história tradicional diz respeito essencialmente à política; já a Nova História passa a se interessar por toda e qualquer atividade humana. Num segundo ponto, os historiadores tradicionais pensam a história como uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a Nova História estaria mais preocupada com as estruturas. O terceiro item descrito por Burke (1992), que interessa de modo especial neste estudo, cita que a história tradicional oferece uma visão de cima, uma vez que se tem concentrado na história dos grandes homens e dos grandes feitos; ao contrário da história vista-debaixo, que vários historiadores têm buscado valorizar, atentos à opinião das pessoas comuns e às suas experiências na mudança social. O quarto ponto também ajuda a pensar na proposta desta pesquisa, já que o paradigma tradicional considera que a história deveria ser baseada em documentos; porém, uma vez expostas as limitações desses registros tidos como oficiais, outros tipos de fonte passam a ser válidos, tal como a literatura, considerada no presente trabalho. O quinto aspecto trata da ampliação dos questionamentos que os historiadores se fazem diante do objeto, os quais são mais variados na perspectiva da Nova História. Por fim, o sexto ponto aponta à defesa do caráter objetivo da história pelo paradigma tradicional, ao qual se opõe o fato de que “só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra”. (BURKE, 1992, p. 15). Sendo assim, as variáveis possíveis no estudo da história precisam ser levadas em consideração.

A preocupação com toda a abrangência da atividade humana, segundo Burke (1992), encoraja os historiadores à interdisciplinaridade,

no sentido de aprender a colaborar com outras áreas, assim como a contar com elas. E, dessa forma, “o movimento da história vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre o seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais”. (BURKE, 1992, p. 16). Um dos desafios aos historiadores, nesse sentido, é relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos. Nesse sentido, Jim Sharpe (1992) considera que a “história vista de baixo” implica a existência de algo acima para ser relacionado, ou seja, mesmo que se esteja falando “das pessoas comuns”, não se pode dissociar a sua trajetória das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social. Do contrário, poder-se-ia obter uma fragmentação na escrita da história, que precisa, em última análise, observar os contextos como um todo.

Nessa intersecção entre a trajetória das “pessoas comuns”, das macroestruturas e dos fatos considerados balizadores para uma época, se insere esta investigação, ao apresentar uma personagem pouco conhecida da historiografia e dos manuais didáticos, a galega *Maria Balteira*. A trajetória dessa mulher medieval é analisada e considerada como possibilidade pedagógica, a fim de problematizar a importância de sujeitos considerados anônimos para a contextualização histórico-social, com vistas a incentivar a tomada de consciência do estudante acerca do seu próprio potencial como protagonista histórico.

A história, vista dessa outra maneira, ou desse outro ângulo, proporciona ao historiador (e também ao professor) a oportunidade de mostrar que é possível ser mais imaginativo e inovador, como pontua Sharpe (1992), uma vez que essa perspectiva amplia o campo e, conseqüentemente, as possibilidades de abordagem. Tal pensamento pode contribuir, também, à compreensão de que a memória histórica não foi urdida apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais. Essa composição é múltipla e composta por diferentes aspectos e personagens da realidade social.

Outro ponto a se destacar é que a história vista-de-baixo permite conhecer mais sobre o passado, porque “evidencia, por meio daqueles que a escrevem, que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências não inexploradas”. (SHA RPE, 1992, p.62). Assim, se pode concluir que a “história vista-de-baixo”, como conceituam Burke (1992) e Sharpe (1992), ou a dos “protagonistas anônimos”, conforme conceitua Ronaldo

Vainfas (2002), fundamentalmente, referem-se à mesma proposta e se constituem de um interessante e válido tema de pesquisa.

Vainfas (2002) afirma que uma das características da moderna história cultural é sua preocupação em resgatar mais explicitamente o papel das classes sociais, da estratificação e do conflito social. Não seria uma recusa à cultura do que ele conceitua como “elite letrada”, mas um apreço às manifestações das massas anônimas, citando as festas, as resistências e as crenças heterodoxas, por exemplo. Por fim, se constitui de uma busca por “uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica”. (VAINFAS, 2002, p. 57). A exemplo da história do moleiro Menocchio, que interessou a Carlo Ginzburg (2006), ao pesquisar, em 1962, documentos dos julgamentos da Cúria Episcopal de Udine, a vida de *Maria Balteira* não é interessante apenas por si só, mas porque oferece outra perspectiva de entendimento de seu contexto histórico e da sociedade na qual viveu. Assim,

no caso da microanálise a história se torna capaz de funcionar como a “ciência do vivido”, oferecendo ao leitor universos sociais que forçosamente escapam ao olhar macroanalítico – e nem por isso são menos verdadeiros ou reais. Seus riscos, como vimos, se encontram no empirismo, no perigo de transformar um caso extremo ou situação-limite em um exemplo típico, no descontrole das instituições e conjecturas face às lacunas de informação, abrindo caminho para um subjetivismo quase ficcional. (VAINFAS, 2002, p. 149).

A menção a sujeitos que passaram à margem dos grandes acontecimentos também foi uma preocupação em escritos de Michel Foucault. O texto que discorre de forma mais efetiva sobre o tema é *A vida dos homens infames*. Escrito em 1977, consiste na introdução de uma antologia – posteriormente transformada em coleção – da exumação dos arquivos franceses de internamento do Hospital Geral e da Bastilha, especialmente das cartas régias com ordens de prisão, as *lettres de cachet*.

Foucault caracteriza esse escrito como uma “antologia de existências”. Sua intenção foi relatar vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. O autor descreve que, apesar de parecerem inexpressivas, subsistiram, em sua tênue força, a partir do momento em que cruzaram a teia dos poderes:

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem como ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós. (FOUCAULT, 2003, p. 207).

Apesar de parecerem por vezes “historietas estranhas e patéticas”, afinal, resultavam de queixas, denúncias, ordens ou delações, essas vidas infames traduzidas em “existências-relâmpago” atuam como luminosidades repentinas que surgem das sombras. Foucault se diverte ao propor uma revanche aos homens de vida desgraçada:

a chance que permite que essas pessoas absolutamente sem glória surjam do meio de tantos mortos, gesticulem ainda, continuem manifestando sua raiva, sua aflição ou sua invencível obstinação em divagar, compensa talvez o azar que lançara sobre elas, apesar de sua modéstia e de seu anonimato, o raio do poder. (2003, p. 208).

As existências iluminadas pelo clarão do poder não passam de raros vestígios que foram coletados pelo acaso e subsistiram. São “vozes múltiplas que se depositam em uma enorme massa documental” (2003, p. 210) e revelam curiosos detalhes do cotidiano desses indivíduos infames: “as disputas da vizinhança, as brigas dos pais e de seus filhos, os desentendimentos dos casais, os excessos do vinho e do sexo, as disputas públicas e muitas paixões secretas”. (2003, p. 212).

Os burburinhos e cochichos das comadres, os segredos de alcova dos boêmios, as confissões fugidias dos pecaminosos e as insignificantes palavras ditas na expectativa de se perderem no silêncio são subitamente cortadas pelo mecanismo do poder que as propaga. “Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, descritas”. (2003, p. 213). Tal enfoque possibilita a construção de uma história mais abrangente e mais próxima do leitor, num movimento que alia o detalhe do cotidiano do passado com as experiências e reflexões do presente.

Foucault encontrou esses sinais do cotidiano principalmente nas cartas régias de aprisionamento dos séculos XVII e XVIII e verificou que, posteriormente, essa “antiga teatralidade artificial e inábil” (2003, p. 215) do discurso do monarca se converteu em uma ampla rede, formada pelas instituições da justiça, da política, da medicina e da psiquiatria: uma linguagem observadora e neutra, mediada pelo conhecimento científico e não pela passionalidade do sujeito. Dentro desse sistema de coação do cotidiano no Ocidente, coube à literatura “ultrapassar os limites, em levantar brutal ou insidiosamente os segredos, em deslocar as regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, [...] a ocupar-se do escândalo, da transgressão, da revolta” (2003, p. 217), fazendo surgir o discurso da infâmia, “a parte mais noturna e mais cotidiana da existência”.

Assim, essa perspectiva pautada na micro-história “apega-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história geral”. (VAINFAS, 2002, p. 103). É desse modo que se reforça a aproximação entre a história e a literatura: esta beneficiando aquela no encontro com sinais, por vezes, ignorados e que carregam, nas entrelinhas, importantes vivências, modos de pensar e contextos significativos para uma reflexão sobre os “protagonistas anônimos”.

Nos passos de Maria Balteira

É pela veia literária que a personagem Maria Balteira entra no campo historiográfico e na proposta desta pesquisa, pois, excetuando-se as inúmeras referências a ela nas cantigas trovadorescas, são raros os registros a respeito de sua vida. O que parece consensual – tanto pelas menções literárias quanto pelas fontes históricas – é que Maria Balteira, Maria Peres ou simplesmente Balteira tenha sido uma soldadeira galega que frequentava as cortes castelhanas de Fernando III e Afonso X. As soldadeiras eram dançarinas que, durante a Idade Média, apresentavam-se – sobretudo a nobres integrantes das tropas militares – em troca de soldo (pagamento). Por extensão, muitas vezes, exerciam o papel de concubinas: “Nas ilustracións do Cancioneiro de Ajuda aparecen danzando, tocando as castañetas ou o pandeiro na compañía do xograr que tanxe unha guitarra ou unha viola”. (CAMPO, s.d.).

Conforme a antroponímia da personagem Maria Peres Balteira, no projeto Litera,² a soldadeira era provavelmente originária da povoação de Armea – atual Betanzos, na província de La Coruña, região espanhola da Galiza. Maria Peres teria nascido numa família da pequena nobreza, de quem herdara algumas propriedades, conforme comprova o documento de venda de uma dessas suas herdades ao mosteiro galego de Sobrado, datado de 1257. A partir desse registro, pode-se supor que Balteira tenha acabado confortavelmente os seus dias como familiar no mosteiro.

Maria Balteira constitui uma das raras mulheres cuja identidade é retratada em textos literários da época. As composições em que ela aparece descrita são cantigas satíricas do Trovadorismo, movimento literário de origem provençal e que se manifestou com vigor em Portugal entre os séculos XII e XIV.

De caráter oral, as cantigas medievais passaram a ser registradas em cadernos de apontamentos e, posteriormente, reunidas em coletâneas compostas a mando de um rei ou mecenas, e chamadas de cancioneiros, com o intuito de protegê-las definitivamente de extravio. Das coletâneas galego-portuguesas que chegaram aos dias atuais, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional apresenta uma particularidade: traz em anexo *A arte de Trovar* – texto em que “se definem os gêneros cultivados pelos trovadores medievais e se inventariam e descrevem recursos estilísticos mobilizados neste tipo de poesia”. (LEMOS, 1996, p. 42). Segundo o autor anônimo de *A arte de Trovar*, eram três os tipos de cantiga produzidas na época: cantiga de amor, cantiga de amigo e cantiga de escárnio e de maldizer.

As duas primeiras categorias eram de natureza lírica, diferenciando-se, sobremaneira, pela voz poética, identificada, nas cantigas de amor, com expressão do amor elevado de um homem à dama inalcançável e, nas cantigas de amigo, com a manifestação feminina de sentimentos e ações relacionados ao cotidiano doméstico e à paixão pelo amigo, geralmente distante em função das guerras. Já as cantigas de escárnio e maldizer continham um caráter satírico e, no ponto de vista do filólogo Manuel Lapa (1995), constituem o gênero trovadoresco menos estudado ainda hoje, provavelmente, pelo fundo lexical pitoresco e variado e pelo conteúdo obsceno de muitas dessas composições. Não obstante, segundo Lapa (1995), essas composições destacam-se por constituírem registros importantes de hábitos e acontecimentos da vida cotidiana, apresentando indiscutível valor histórico, linguístico, social e literário.³

A diferenciação entre os dois tipos de cantiga satírica está no caráter indireto das cantigas de escárnio, arquitetadas em uma linguagem ambígua e que dependem da sensibilidade interpretativa do leitor para serem apreendidas. O caráter velado desse gênero opõe-se à crítica direta que, conforme Lapa (1995), reside nas cantigas de maldizer. Nessas, de acordo com o mesmo autor, o alvo da sátira é claramente exposto pelo poeta. Todavia, na visão de Esther Lemos (1996), a distinção entre ambos os gêneros nem sempre é fácil, especialmente pela forma deturpada a que chegaram, aos dias atuais, alguns textos e pela impossibilidade de compreensão no presente de certas alusões feitas nas cantigas.

Lapa postula que os trovadores se encarregaram de “fazer a reportagem dos acontecimentos mais ou menos escandalosos da época”. (1995, p. 177). Dentre os fatos mais retratados nas cantigas escarninhas galego-portuguesas, o autor aponta um conjunto de composições que ele nomeou “Cruzada da Balteira”. São, pelo menos, 12 cantigas que se referem à personagem, de autoria de dez diferentes trovadores: Afonso X (rei de Castela entre 1252 e 1284, conhecido pela alcunha de o “*Sábio*”), Vasco Peres Pardo, Pero Garcia Burgalês, Fernão Velho, Pero da Ponte, Pero Mafaldo, Pero Garcia de Ambroa, João Vasques de Talaveira, João Baveca e Pedro Amigo de Sevilha. Através desses escritos,

coñecemos unha muller paradigma de todos os vicios e transgresións que a época condenaba, malia ser parte deles, nun exercicio de dobre moral. Boca xuradora; practicante do tiro com bésta em competición cos homes; xogadora de dados; trampulleira no xogo; libre no xeito de xacer com cregos, escolares, xograres, etc.; transmisora de doenzas venéreas e supersticiosa. (CAMPO, s.d.).

No conjunto das composições, Maria Balteira emerge como uma figura controversa, ora representada como extremamente sedutora e hábil nos jogos, ora como decadente e transmissora de males – principalmente, a falência financeira e doenças venéreas. Essas contradições acompanham uma oscilação no tom das cantigas. De maneira geral, predomina a sátira fina e direta, como no texto de Fernão Velho, que denuncia o envolvimento imoral de Balteira com um clérigo, justificado por uma suposta tentativa de redenção:

Maria Pérez se maifestou
noutro dia, ca por [mui] pecador se sentiu,
e log'a Nostro Senhor
pormeteu, polo mal em que andou,
que teuess'um clérig'a seu poder,
polos pecados que lhi faz fazer
o Demo, com que x'ela sempr'andou.
[...]
e log'entom um clérigo filhou
e deu-lh'a cama em que sol jazer,
e diz que o terrá, mentre viver;
e est'afã todo por Deus filhou.⁴

Há, porém, nuances diferenciadas na representação satírica de Balteira, que culminam, por exemplo, no tom queixoso da cantiga de Vasco Peres Pardal. Segundo ela, a soldadeira envolveria todos os homens em um mesmo engano, seduzindo-os sem permitir que a relação sexual se concretizasse. A exceção à regra seria Pero Garcia de Ambroa, que com ela manteria relações e sobre quem recaem desejos masculinos de vingança:

E somos mal enganados
todos desta merchandia
e nunca imos vingados;
mais mande Santa Maria
que prenda i mal joguete⁵
o d'Ambrõa, que a fode,
e ela, porque pormete
cono, poilo dar nom pode.

Essas dissonâncias na representação de Balteira podem ser justificadas pelo próprio dúbio papel feminino no período medieval: a mulher só podia escolher entre praticar o amor santo no claustro ou no casamento, longe do prazer, ou ser soldadeira, para desfrutar do gozo íntimo no meretrício, apesar de essa opção condicionar-se a uma certa marginalidade social.

Além disso, a maior parte dos detalhes da vida de Balteira é incerta, devido à carência de fontes documentais a seu respeito, além das referidas cantigas. O termo *cruzada* que aparece em algumas composições, pode remeter à participação em uma possível cruzada, que os autores não têm

certeza se foi a de 1248 ou a de 1269. Há indícios de que tenha sido utilizada como arma política nas relações entre as cortes locais – uma *Mata-Hari* do século XIII⁶ – e que também tenha rompido com a Igreja Católica, mas que, antes de morrer, arrependera-se, alegando a avançada idade para conseguir a piedade religiosa.

Pouco também se sabe acerca das circunstâncias de sua morte. Um diploma de 1257, citado por Martínez Salazar, afirma que Balteira cedeu uma rica herança de sua mãe aos monges cistercienses de Sobrado, em troca de uma renda vitalícia e a promessa de um sepultamento digno. Mas não se tem nenhuma referência sobre se o juramento foi cumprido. (CAMPO, s.d.).

Roteiro pedagógico

Considerando a importância dada aos protagonistas anônimos nas problematizações aprofundadas anteriormente, é coerente pensar a personagem Maria Balteira como tema de uma possibilidade pedagógica interdisciplinar. Entende-se que a ruptura do paradigma tradicional-historiográfico é fortalecida pelos elos com os saberes de diferentes áreas – nesse caso específico, principalmente a Literatura. Dessa forma, a instituição escolar, em especial na contemporaneidade, também assume um compromisso social maior, qual seja o de propor o respeito às diversidades em suas inúmeras manifestações. Esse processo é uma construção contínua e permanente, cujo desenvolvimento, no âmbito escolar, deve estar atrelado à postura diária do professor em promover discussão sobre os aspectos – culturais, étnicos, de gênero, de sexualidade etc. – intrínsecos a cada tema abordado nas diversas disciplinas.

Assim, no planejamento do roteiro pedagógico em foco, privilegiou-se um conteúdo já previsto nas grades curriculares do 1º ano do Ensino Médio, articulando o estudo da Idade Média, em História, ao movimento do Trovadorismo, em Literatura, e a produção textual, em Língua Portuguesa.⁷ Dentro dessa proposta de abordagem, a personagem Maria Balteira⁸ foi inserida, uma vez que seu caráter dúbio e voluntarioso poderia gerar interesse nos estudantes. Essa expectativa confirmou-se no desenvolvimento das atividades, pois a figura intrigante da soldadeira atraiu a atenção dos alunos e permitiu discussões interessantes durante as quatro semanas de aplicação do projeto.

O trabalho em sala de aula iniciou com a exibição do primeiro capítulo de “A história do amor”,⁹ que agradou aos alunos e apresentou pontos importantes à exploração dos conteúdos. Em Literatura, discutiu-se a evolução da concepção acerca do amor e dos relacionamentos amorosos e o código de conduta medieval. Surgiram aí as primeiras discussões a respeito de gênero e das relações e papéis sociais, principalmente por uma cena em que a rainha revela que usa cinto-de-castidade. A partir desse tópico, levou-se os alunos a pensarem em outras maneiras de submissão e de controle do corpo feminino. Tal debate, entretanto, ainda foi discreto, pois, para eles, o cerceamento da liberdade da mulher se restringia à exigência de usar burca, véus ou de cobrir o corpo. A questão, entretanto, foi aprofundada com o desenvolver do projeto, chegando-se à conclusão de que, inclusive – e principalmente –, os discursos correntes em cada cultura moldam e restringem comportamentos.

Além desse tópico, que permitiu o início da análise do contexto sociocultural em que se desenvolveu o Trovadorismo, o vídeo exibido possibilitou a exploração de questões de sexualidade prevista como um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em um trecho, o servo se declara à rainha, mas diz que tem amor e devoção total ao rei e que, por isso, não se relacionará com ela. A soberana, então, pergunta duas vezes: “Tem certeza que tu não é gay?”

O assunto emergiu, sobremaneira, durante o estudo, em História, da estrutura do sistema feudal e da relação entre vassalos e suseranos. A partir daí, esclareceu-se que é equivocado julgar, com base em convenções contemporâneas, os comportamentos sexual e afetivo das pessoas em outras épocas e culturas. Estabeleceram-se relações com os gregos e os romanos antigos, que apresentavam, em suas sociedades, o homossexualismo masculino como uma questão presente, mas que não tinha a interpretação e as repercussões polêmicas que o tema gera atualmente. Essa discussão foi relevante por levar os discentes à percepção de que práticas consideradas *normais* ou *naturais* em uma época ou sociedade podem não o ser em outras circunstâncias. Assim, se passou a questionar não só o período medieval, mas as próprias convenções que hoje são difundidas.

Esse assunto foi aprofundado com a exibição do filme “O nome da Rosa” (EUA, 1986), baseado na obra homônima de Umberto Eco. A película retrata o cotidiano de um mosteiro medieval a partir de uma

série de assassinatos ocorridos no local, investigados por um monge franciscano e seu jovem assistente. Ao retratar a autoridade da Igreja (como detentora do saber do período), a obra também permite analisar duas concepções de feminino bastante antagônicas: a mulher pecadora, representada pela jovem camponesa que seduz o jovem monge e o leva a satisfazer seus prazeres carnaís; e a mulher santificada, presente na imagem da Virgem Maria, para a qual o monge reza, pedindo perdão pelo pecado que cometera. Essa visão dual do feminino, como Eva e como Maria, acompanharam a sociedade medieval, oscilando entre a misoginia e a santificação.

Paralelamente às atividades em História, houve o estudo das cantigas trovadorescas em Literatura, divididas em líricas – de amor e de amigo – e satíricas – de escárnio e de maldizer. Todas as cantigas da época eram compostas por homens nobres, entretanto, as de amigo apresentavam voz feminina, isto é, um “homem fingia-se de mulher para lhe dar voz em um poema”. Isso se refletia na estrutura das cantigas, que não apresentavam tanto rebuscamento formal, contavam com grande incidência de paralelismos e apresentavam maior superficialidade temática, ou seja, eram mais *simples* e cotidianas, a fim de corresponder ao universo feminino da época.

Esse aspecto suscitou reflexões sobre o poder e os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres (como a contradição no ambiente doméstico: a mulher *deve* limpar e gerenciar a casa, mas quem *manda* é o homem), as diferenças de escolaridade entre os gêneros e suas prováveis causas. Nesse contexto, uma questão interessante que surgiu foi o mito da “loira burra”. Para os discentes, a beleza e a sensualidade (e, por extensão, sua função como objeto sexual) atribuídas às mulheres loiras são associadas à suposta falta de inteligência, reforçando o estereótipo preconceituoso já construído desde a Idade Média a respeito dos papéis, dos lugares e das capacidades femininas.

Aproveitando a discussão suscitada, os alunos foram desafiados a pesquisar sobre a vida de Maria Balteira, uma vez que dita mulher ousou viver contrariando as normas sociais de sua época (o que inclui desde sua conduta sexual até a participação em jogos e disputas tipicamente masculinos). A cantiga mais citada e, por isso, analisada e discutida com mais vagar em sala de aula foi uma de Pero Garcia de Ambroa. Já na primeira estrofe da composição,

Os beesteiros daquesta fronteira,
pero que cuidam que tiram mui bem,
quero-lhis eu conselhar ia rem:
que nom tirem com Maria Balteira;
ca todos quantos ali tira[ro]m
todos se dela com mal partirom
assi é sabedor e arteira,

a ambiguidade mobiliza o exercício de reflexão. Assim como o ato de jogar é dúbio, podendo se referir tanto ao esporte quanto à sedução da soldadeira, o *mal* que ela transmite é impreciso (dentre as associações viáveis estão doenças venéreas, falência financeira, orgulho ferido). Foi preciso, portanto, conduzir os alunos a leituras mais profundas do texto, a fim de que, no cruzamento com outras cantigas e com o contexto histórico, transpusessem a superficialidade da expressão lírica e refletissem sobre as variadas possibilidades de interpretação, tanto da composição quanto da própria personagem Balteira.

De modo geral, no início da discussão das cantigas, alguns alunos ficaram chocados com o tom ofensivo com que a personagem era retratada, enquanto outros compactuaram com a visão construída nas produções literárias (afinal, segundo eles, ela era uma prostituta e “só queria saber de dinheiro”). Avançando nas reflexões, porém, os discentes se deram conta de que Maria Balteira é uma personagem que nos chega por meio da visão de homens que conviveram com ela. Assim, pode haver outra verdade por detrás das ofensas dirigidas a ela.

Quando questionados sobre quem possuiria mais poder na época medieval, uma rainha ou Maria Balteira, todos responderam, primeiramente, que seria a soberana. Entretanto, após algumas perguntas, muitos concluíram que, mesmo que ambas sofressem com a exploração masculina, a soldadeira alcançava maior liberdade de conduta, especialmente por sua força de sedução e por possuir uma renda própria, enquanto o poder da rainha, quando muito, abarcava o âmbito político.

Atiçados pela polêmica vida de Maria Balteira e conhecendo o contexto sociocultural da Baixa Idade Média (por meio dos conteúdos trabalhados em Literatura e em História), os discentes foram desafiados a compor um poema de crítica, em que a própria Balteira se dirigiria aos trovadores, expressando sua visão de mundo. Os textos produzidos foram compartilhados pela turma, que avaliou positivamente a atividade. De

fato, as produções, além de criativas, demonstraram conhecimento dos conteúdos abordados e a expressão crítica diante da subjugação feminina.

Veja-se como exemplo o poema que segue, de autoria de Andressa Henz e de Letícia Borges.

Senhores trovadores

Eu, Balteira, não engano os besteiros¹⁰
Apenas jogo por diversão,
Tudo que eu faço é por dinheiro,
Danço até cair no chão.

As madames criticam minha vida,
Sei que é inveja, estão cansadas da lida.
Desafiarei quem quero
E dançarei quando tiver vontade.

Se todos nós envelhecemos,
Não critiquem minha idade.
Perdoem-me novamente aqueles que seduzi
Pois não obriguei ninguém a me assistir.

As más línguas que de mim falam
Ou temem minha sedução
Ou invejam minha liberdade,
Boatos sobre uma maldição¹¹
Que carrego contra a vontade
E a leva quem perde, não é por maldade.

Nessa composição, as alunas evidenciam compreender que Maria Balteira, mais do que uma personagem *maldita* de sua época, foi uma mulher que causou inveja por sua liberdade e autonomia para romper com padrões sociais. Para elas, as fortes críticas recebidas pela soldadeira estariam ligadas à impossibilidade de as mulheres imporem-se diante das convenções e ao medo que os homens sentiam de sua habilidade (no jogo e na sedução).

Outra questão interessante a assinalar, quando consideradas as produções dos alunos, é que, para escrever, eles tiveram de desenvolver a alteridade, colocando-se no lugar do *outro* e repensando diferentes formas de relações sociais presentes ao longo da história. Não se tratou de um exercício ingênuo de “viajar no tempo” ou de comparar superficialmente

períodos históricos, mas de refletir sobre a organização social e cultural de cada época, buscando entrever implicações para o indivíduo inserido naquela sociedade e identificar, na atualidade, remanescências de uma organização social – distante no tempo – mas próxima nos hábitos e valores herdados.

A partir das reflexões sobre a sociedade na Baixa Idade Média ocidental, realizou-se, como encerramento do projeto, um debate sobre as convenções, os papéis e o *poder* atribuídos aos gêneros na atualidade. Para os alunos, há, hoje, inúmeras Balteiras, que precisam enfrentar vários tipos de obstáculo para promover mudanças de mentalidade que, surpreendentemente, persistem. A jogadora de futebol Martha, por exemplo, apesar de sua habilidade indiscutível, nunca teve o reconhecimento que os brasileiros destinaram a Pelé. Na esfera política, há a reserva de 30% nas listas de candidatos dos partidos nas eleições para as mulheres, apesar de somente cerca de 10% serem eleitas.¹² De modo geral, a despeito das conquistas inegáveis, as mulheres, em sua maioria, ainda são vistas como figurantes ou menos competentes que os homens.

Foram, também, abordados vários outros aspectos relevantes, como a violência contra a mulher (muitas vezes, sustentada pela justificativa de que “ela provocou” pela roupa que utilizava ou pela forma de agir), o acesso à educação, a responsabilidade de cada gênero na educação dos filhos, etc. Assim, é possível afirmar que o projeto rendeu resultados muito positivos. Se não garantiu permanentemente que todos os alunos lutem pela igualdade de gêneros e pelo respeito à diversidade, certamente, suscitou importantes reflexões e plantou a semente da desconfiância sobre as “verdades sociais”. O autoquestionamento e a constante avaliação das condutas cotidianas (seu porquê, sua origem e suas consequências) é, sem sombra de dúvida, um começo promissor para a construção de uma sociedade mais humana e aberta à diversidade.

Atrelada a essa percepção, está a concretização de um dos objetivos principais do projeto, que consistia no reconhecimento da relevância histórica do indivíduo *comum*, passando pela tomada de consciência dos educandos do seu próprio potencial como protagonistas históricos.

Fica claro, com abordagens como a realizada nesta pesquisa, que a história é feita por todos, não apenas por aqueles que ocupam posições de liderança. Ao perceber que a estrutura social é sempre mais complexa do que a geralmente apresentada nos escritos tradicionais, os alunos

passam também a refletir sobre o seu contexto histórico. Nos livros didáticos de História, personagens como Maria Balteira raramente aparecem. Ainda que eles não estejam totalmente voltados à história das personalidades conceituadas como grandes heróis, muitas vezes, o cotidiano das pessoas comuns é pouco aprofundado.

A pesquisadora Flávia Caimi (2006) alerta para o esvaziamento de sentido das aulas de História que se fundamentam no chamado *ensino mecânico*, baseado na memorização de fatos, personagens ilustres, causas e consequências. Nesses casos, mesmo um planejamento cuidadoso, envolvendo organização e método, não é capaz de instaurar um processo efetivo de aprendizagem, restando ao aluno

nada mais do que fragmentos desconexos de fatos, datas, nomes, muitas vezes sobrepostos aleatoriamente, formando um “samba do crioulo doido”, tal como denuncia Sérgio Porto na sua música homônima. Pode-se pensar, então, que, se os conteúdos escolares subsistem tão superficialmente, sua quantidade e extensão importam menos que a qualidade do trabalho desenvolvido, ou, ainda, que não vale a pena priorizar a memória de fatos eventuais em detrimento do raciocínio, da construção e da descoberta do conhecimento histórico, sob pena de se perder um tempo realmente valioso para aprendizagens mais significativas. (CAIMI, 2006, p. 20).

Nessa ótica, uma das possibilidades mais promissoras na construção de aprendizagens significativas é a interdisciplinaridade, pois, contribuindo para a multiplicidade de olhares a propósito de cada tema, favorece uma reflexão mais ampla, com uma visão menos fragmentada e, portanto, mais complexa e crítica sobre a questão trabalhada. Na realização do projeto, a interdisciplinaridade demonstrou favorecer tanto a Literatura, que encontrou suporte em uma contextualização histórica mais elaborada e consistente, quanto a História, com elementos novos trazidos pelas cantigas medievais. Além, é claro, de enriquecer a produção textual em Língua Portuguesa, conferindo-lhe um sentido e a transformando em um desafio.

Considerações finais

A ascensão da micro-história como possibilidade de escrita historiográfica abre inúmeras portas para o enfoque em ambiente escolar. A história, antes vista somente como um meio de propagação dos feitos de heróis ou de grandes governantes, aparece, nessa perspectiva, como uma oportunidade de *vivenciar* o passado, uma vez que, por meio das narrativas de personagens *comuns*, é possível construir uma relação de identificação e pertencimento. A disciplina considerada, por vezes, pelos alunos, como distante e monótona, aparece, nesse tipo de historiografia, como um campo dinâmico e cheio de curiosidades a revelar.

O olhar sobre o detalhe e sobre o que, aparentemente, é comum, permite o estabelecimento de relações dotadas de maior afinidade, o que, para o ambiente escolar, especialmente com o público adolescente, parece ser um caminho com mais chances de ser bem-sucedido. Os enredos propostos pela micro-história são carregados de experiências passíveis de reconhecimento, mesmo que o tempo e o espaço sejam outros. Dessa forma, o trabalho em sala de aula pode ser enriquecido a partir do enfoque historiográfico em vivências do cotidiano.

Interdisciplinar por excelência, o aprendizado, que nasce a partir do estudo por meio da micro-história, propicia o contato com diferentes áreas, documentos e formas de abordagem, desenvolvendo no aluno uma visão mais ampla do que é a realidade e da forma como os contextos se estruturam. Em especial, a partir da História, da Literatura e da Língua Portuguesa, campos privilegiados no roteiro pedagógico proposto, é possível construir um profundo espaço de reflexão que considera os saberes como complementares e que favorece o envolvimento mais ativo do aluno na produção do seu conhecimento.

Nessa perspectiva, com as contribuições propostas por “histórias infames” e “protagonistas anônimos”, permite-se o desenvolvimento de um ambiente de reflexão crítica, por parte dos educandos, acerca da sua condição sócio-histórica. Essa reflexão proporciona outra visão em relação ao passado, mas, sobretudo, impulsiona interpretações e atuações mais maduras no presente.

Notas

¹¹ Trabalho apresentado oralmente na “XXI Jornada de Ensino de História e Educação – Interculturalidade, Educação e Diversidade: o que pode o professor de História?”, realizada de 26 a 29 de outubro de 2015 na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Trata-se do site: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>>, uma base de dados que apresenta todas as produções trovadorescas do período, além de cópias dos manuscritos, imagens de iluminuras e letras de músicas. Essa compilação é resultante do projeto *Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/ELT/69.985/2006), sediado no Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

³ A pesquisa de Tatiane Kaspari (constante das referências) evidencia a permanência de traços temáticos e estilísticos da produção medieval em composições contemporâneas. Dentre os subgêneros estudados, as composições satíricas destacam-se, ainda na atualidade, como privilegiado veículo de crítica social, que emerge ora pelo sarcasmo explícito e contundente, ora por fina ironia, resguardada pela ambiguidade, de acordo com o panorama da repressão política de cada período.

⁴ Todos os excertos das cantigas citadas neste artigo (bem como as demais utilizadas durante a realização do projeto) foram retirados do site <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁵ “Quer dizer: que lhe saia cara a brincadeira; não é impossível que haja igualmente uma alusão qualquer a doenças venéreas (já que, literalmente, o sentido é “receba mau joguinho”). Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1539&tr=4&pv=sim>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶ Referência à famosa dançarina holandesa, acusada de espiã e condenada à morte durante a Primeira Guerra Mundial. A expressão relacionada à Maria Balteira é citada por Teresa Lópes, da Universidade de Coruña, no trabalho intitulado *María Balteira, señora do tempo pasado*. Disponível em: <<http://www.culturagalega.org/album/docs/maria%20balteira.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁷ Esse projeto foi aplicado por dois dos autores deste trabalho: Carlos Eduardo Ströher, professor de História, e Tatiane Kaspari, professora de Língua Portuguesa e Literatura, em uma escola pública de Ensino Médio, durante o ano letivo de 2013.

⁸ Maria Balteira também foi inspiração para um dos autores deste trabalho: Carlos Eduardo Ströher. Na sua dissertação de mestrado, intitulada *Intempestivo e infame: o ensino de História na perspectiva foucaultiana* (defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2014 está disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98594>> a personagem aparece em algumas cenas de aulas de História escritas e analisadas pelo autor, contextualizadas com questões referentes ao ensino e ao papel do docente na contemporaneidade.

⁹ Trata-se de série veiculada, em 2011, pelo programa “Fantástico”, da TV Globo, produção da Casa de Cinema de Porto Alegre, dirigida por Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo e protagonizada por Daniel de Oliveira e Leandra Leal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vjg23tY53h4>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

¹⁰ Jogadores.

¹¹ Referência a uma provável doença venérea.

¹² UOL Eleições 2014. Cresce o número de mulheres eleitas no Congresso, mas a fatia ainda é de só 10%. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/06/cresce-numero-de-mulheres-eleitas-no-congresso-mas-fatia-ainda-e-de-so-10.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Referências

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 38.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História?: reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 17-32, jul. 2006.

CAMPO, Marica. *Maria Balteira*. álbum de mulheres. Disponível em: <<http://www.culturagallega.org/album/detalle.php?id=97>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS. Base de dados do projeto “*Littera*”, edição, atualização e preservação do património literário medieval português. Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>>. Acesso em: 20 out. 2015.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222. (Coleção Ditos e Escritos, IV).

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. de Maria Betânia Amoroso. Trad. dos poemas José Paulo Paes; rev. téc. de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 6. ed. Coimbra: Coimbra, 1966.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 39-62.

STRÖHER, Carlos Eduardo. *Intempestivo e infame: o ensino de História na perspectiva foucaultiana*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre,

2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98594>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

KASPARI, Tatiane. *Raízes medievais em produções poéticas da atualidade*. 2008. TCC (Graduação em Letras) – Universidade do

Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.